

O PROBLEMA DAS TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS.

(Uma contribuição metodológica)

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

As características particulares da ciência toponímica, como “a busca da origem e a significação dos nomes de lugares e suas transformações lingüísticas” (1), a distribuição quantitativa e qualitativa dos topônimos, em uma área determinada, transformam-na em objeto de estudo para historiadores, geógrafos e lingüistas. As tendências metodológicas da geomástica distribuem-se, portanto, no eixo dominante das formações intelectivas dos pesquisadores, ocasionando, como principal resultado, não uma diretriz lógica ou, pelo menos, segura, quanto à sistematização de seus princípios gerais e, sim, várias concepções de abordagem técnica.

Essa diversidade de pontos de vista, relativa a critérios estruturais básicos da disciplina, não encontra paralelo em outros campos do conhecimento, já bem solidificados por uma tradição de rigor científico em suas conceituações.

Mais ainda, essa atitude desencontrada dos estudiosos, isolados em pesquisas unilaterais, acaba por inculcar à toponímia o rótulo de “ciência inacabada”, em busca de conceitos fundamentais e de suportes teóricos.

A imprecisão de tratamento, mesmo em um plano de manifestação e apesar de não atingir a constituição ontológica de sua verdade científica, enseja suposições de diletantismo frágil, perceptíveis em variadas interpretações críticas e incompatíveis com o alcance de seus propósitos reais (2).

(1) — ROSTAING, Charles — *Les Noms de Lieux*. Paris, Presses Universitaires de France, 1958, p. 5 (Col. Que saisje?).

(2) — “(. . .) O estudo etimológico dos vocábulos, para o fim de fixar-lhes o verdadeiro significado, foi sempre campo de larguíssimas proporções, onde a imaginação, não raro, assume papel preponderante, e as hipóteses

Não é objetivo deste artigo insistir em uma posição histórica da toponímia, traçando a cronologia dos estudos toponomásticos, desde os primórdios até o contemporâneo. Tampouco importa, aqui, salientar a antiguidade da investigação dos nomes de lugares, principalmente na Europa, onde o interesse pela pesquisa de tais dados do conhecimento tem oferecido as bases para aproximadas colocações, no continente americano (3).

Mesmo entre os europeus, que contam com a primazia das iniciativas nesse campo de estudos, a situação não difere muito do que ocorre na América: entendimento da toponímia como um levantamento dos nomes geográficos da região escolhida, acompanhado de um provável etimológico estudo dos nomes, em caso de eventuais camadas linguísticas interferentes ou uma tentativa de explicar a realidade toponímica através de fatos históricos ou sociais da área pesquisada.

Os resultados, de qualquer modo, situam-se no plano das micro estruturas regionais, subordinados aos ditames momentâneos dos investigadores, sem intenção de lançar as bases de uma ordenação pragmática da disciplina, viável em qualquer análise contextual (4).

Conscientes, portanto, da necessidade de se buscar modelos taxionômicos para os vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências auxiliares da toponímia e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa.

Uma das obras consultadas é de procedência norte-americana, a *Names — Journal of the American Names Society* — que, como o próprio título indica, dedica-se a colher dados sobre

mais ousadas, como as explicações mais sugestivas, encontram guarida e se impõem ao senso comum, aureoladas, ainda por cima, com esse prestígio que a erudição, de ordinário, lhes comunica. Neste terreno das investigações linguísticas, o imaginário e o hipotético, dando pasto amplo aos espíritos inventivos e imaginosos, aos que se sentem solicitados para as escavações difíceis, aos que se deixam seduzir pelos problemas de soluções transcendentais, deram, já, nascimento a um verdadeiro gênero literário". In SAMPAIO, Theodoro — *O Tupi na Geografia Nacional*. 3a. ed., p. 122.

(3). — CARDOSO, Armando Levy — "A toponímia e seus cultores", in *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1961, p. 309-323.

(4). — DAUZAT, Albert — "Toponymie Galoise et Gallo-Romaine de l'Auvergne et du Velay", in *La Toponymie Française*. Paris, Payot, 1939, p. 175/321.

— LEITE DE VASCONCELOS, J. — "Amostras de Toponímia Portuguesa", in *Opúsculos*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, vol. III, p. 39/51.

“the etymology, origin, meaning and application of all categories of names — geographical, personal, scientific, commercial, popular — and the dissemination of the result of such study; to make the American people conscious of the interest and importance of names in all fields of human endeavor.” (5)

Dentre os vários números editados, o volume II, n.º 1, traz matéria sobre o assunto da classificação toponímica, em que se procura sistematizar, de um modo geral, os nomes de lugares em categorias distributivas, baseadas nos mecanismos da própria nomeação, compreendendo os seguintes itens: “1) Descriptive names, 2) Possessive names, 3) Incident names, 4) Commemorative names, 5) Euphemistic names, 6) Manufactured names, 7) Shift names, 8) Folk etymologies, 9) Mistake names.” (6)

Apesar da opinião do autor desse artigo:

“I have some confidence that this classification is practical and is as nearly all-inclusive as can be expected. I worked it out some years ago, and have tested it pretty since that time”. (7)

parece fora de dúvida que a aplicabilidade da classificação, em termos abrangentes de um maior número de casos, deixa a desejar, porque alguns dos “topos” tidos como genéricos (“incident names” ou “commemorative names”,) poderiam facilmente ser incluídos em outros mais amplos, como os nomes “associativos”, por exemplo.

A observação não reveste o intuito de crítica ou de polêmica; apenas intenta marcar quão problemática se torna, na maioria das vezes, o emprego da correta expressão designativa ou que defina, com menor probabilidade de erro, os motivos onomásticos.

A compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica.

Os fatores ambientais, em sua dicotomia física e antro-po-cultural, conforme a teorização de Sapir (8), constituem o cenário propício ao jogo iniludível dos interesses humanos, em que as percepções senso-

(5). — *Names — Journal of the American Name Society* California, University of California Press, vol. II, nº 1, march 1954.

(6). — *Op. cit.*, p. 11.
op. cit., p. 1/13.

(7) — *Ibidem*, p. 2.

(8). — SAPIR, Edward — “Língua e Ambiente”, in *Linguística como Ciência*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1961, vol. I.

riais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos motivos toponomásticos.

O mecanismo da nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências.

Esse amalgama intrincado de nomes, que constitui a tessitura toponomástica propriamente dita de um território, deve sofrer, por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doador (o homem) e, sim, do produto gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos.

Aceitando-se a repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequência — a física e a antro-po-cultural — pode-se acatar a mesma duplicidade de visão para o enquadramento dos topônimos e, dentro dessa bi-compartimentação, situar as modalidades particularizantes.

A — *Taxionomias de Natureza Física*

I — *Astrotopônimos*: topônimos relativos aos corpos celestes em geral (Ex.: Estrela — AH, BA; rio da Estrela, RR; Saturno — AH, ES). (9)

II — *Cardinotopônimos*: topônimos relativos às posições geográficas dos acidentes (E.: Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul; serra do Norte, MT; praia do Leste, PR; Entre Rios — AH AM) e às suas características dimensionais (Ex.: rio Comprido, SP; cachoeira Grande, BA; riacho Pequeno, CE; riacho Fundo, MG) (10).

(9) — Os exemplos toponímicos foram coletados do *Índice dos Topônimos contidos na Carta do Brasil 1:1.000.000 do IBGE*. São Paulo, Ed. FAPESP, 1968. As siglas em maiúsculas referem-se às iniciais dos Estados brasileiros e, para a designação dos acidentes geográficos, adotou-se a convenção AF = acidente físico; AH = acidente humano.

(10). — A designação *cardinotopônimo* foi empregada em sentido lato, abrangendo, por conseguinte, mais de uma especificação, pelas dificuldades decorrentes da escolha de um termo preciso que inclui-se as características do item II, "in fine" As ocorrências indicativas de espacialidade, profundidade, etc., deixaram de ser compreendidas nas motivações de natureza antro-po-cultural, mais precisamente entre os *animotopônimos* (Cf. p. 8) porque recobrem elementos mensuráveis, o que não se verifica com o *belo* ou o *feio*, participantes dessa modalidade anímica.

III — *Fitotopônimos*: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade (arroio Pinheiro, RS), em conjuntos da mesma espécie (Ex.: Pinheiral — AH, RJ) ou de espécies diferentes (Ex.: moro da Mata, MT; Caatinga — AH, BA; serra da Caatinga, RN), além de formações não espontâneas, individuais (Ex.: ribeirão Café, ES) e em conjunto (Ex.: Cafetal — AH PA)

IV — *Geomorfotopônimos*: topônimos relativos às formas topográficas: elevações (Ex.: montanha — Montanhas, AH RN; monte — Monte Alto, AH SP; colina — Colinas, AH GO; coxilha — Coxilha, AH RS; morro — Morro Azul, AH RS) e depressões do terreno (Ex.: vale — Vale Fundo, AH MG; baixada — Baixadão, AF/AH MT) e às formações litorâneas (Ex.: costa — Costa Rica, AHMT; cabo — Cabo Frio, AH, RJ; angra — Angra dos Reis, AH RJ; ilha — Ilhabela, AH SP; porto — Porto Velho, AH RO,)

V — *Hidrotopônimos*: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral (Ex.: água — serra das Águas, GO, Água Boa, AH MG; rio — Riozinho, AH, PI; Rio Preto, AH SP; córrego — Córrego Novo, AH, MG; ribeirão — Ribeirão Preto, AH SP; braço — Braço do Norte, AH BA; foz — Foz do Riozinho, AH AM).

VI — *Litotopônimos*: topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos (Ex.: barro — lagoa do Barro, BA; barreiro — córrego do Barreiro, AM; tijuco — Tijuco Preto, AH SP; ouro — arroio do Ouro, RS), conjuntos da mesma espécie (Ex.: córrego Tijucal, SP) ou de espécies diferentes (Ex.: Minas Gerais, MG; Cristália, AHMG; Pedreiras, AHMG).

VIII — *Meteorotopônimos*: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos; (Ex.: vento — serra do Vento, PB; Ventania, AHSP; Botucatu, AH SP; neve — riacho das Neves, BA; Neves Paulista, AH SP; chuva — cachoeira da Chuva, RO; cachoeira do Chuvisco, MT; Chuva, AHMG; trovão — Trovão, AHAM; cachoeira Trovoada — PA)

VIII — *Zootopônimos*: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos (Ex.: boi — rio do Boi, MG) e não domésticos (Ex.: onça — lagoa da Onça, RJ), e da mesma espécie em grupos (Ex.: boiada — ribeirão da Boiada, SP; Vacaria, AH RS; Tapiratiba, AH SP).

B — *Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural*

I — *Animotopônimos ou Nootopônimos*: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. (Ex.: vitória — Vitória, AH CE; Vitória da Conquista, AH BA; triunfo — Triunfo do Sincorá, AH BA; saúde — cachoeira da Saúde, NT; belo — Belo Campo, AH BA; feio — rio Feio, SP; mau — rio Mau, RR)

II — *Antropotônimos*: topônimos relativos aos nomes próprios individuais (Ex.: lagoa Ana Maria, MG; serra da Brígida, CE) e aos apelidos de família (Ex.: Ana Dias, AHSP; Camilo Prates, AH MG; Camargo Martins, AH GO; igrapé do Camargo, PI).

III — *Axiotopônimos*: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais (Ex.: Presidente Prudente, AH SP; Doutor Pedrinho, AH SC; Duque de Caxias, AH RJ.).

IV — *Cromotopônimos*: topônimos relativos às taxionomias cromáticas (Ex.: branco — rio Branco, AM; negro — rio Negro, AM; dourado — Dourado, AH MT; pardo — rio Pardo, SP)

V — *Cronotopônimos*: topônimos relativos a épocas e a datas históricas (Ex.: Nove de Julho, AH SP; cachoeira 9 de Abril, RO; rio Sete de Setembro, MT) (11)

VI — *Ergotopônimos*: topônimos relativos aos elementos da cultura material (Ex.: flecha — córrego da Flecha, MT; jangada — Jangada, AH MT; machado — rio Machado, GO, etc.) (12)

VII — *Etnotopônimos*: topônimos relativos aos agrupamentos étnicos e a cidades, países, regiões, continentes (Ex.: Guarani, AH PE; rio Xavante, MT; Chavantes, AH SP; ilha do Francês, RJ; Brasília, AH GO; Brasil, AH AM; Europa, AH AC; América, AH ES)

(11). — Nesta modalidade, poder-se-ia incluir topônimos que registrem índices cronológicos, como os constituídos pelos adjetivos *novo*, a *velho*, a; assim: Velha e Nova Emas (AH SP); Velho Porto e Sguero (AH PA); Nova Era (AH MG); Novo Brasil (AH ES/GO).

(12). — Entre os *ergotopônimos*, será possível também a inclusão dos manufaturados como: farinha (rio das Farinhas, ES); pinga (riacho da Pinga, PI); vinho (córrego do Vinho, MG); óleo (Oleo, AH SP); azeite (morro do Azeite, MT)

VIII — *Hierotopônimos*: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana (Ex.: Cristo Rei, AH PR; Abarão, AH RJ; Jesus, rio GO; Alá, lago AM); às efemérides religiosas (Ex.: Natividade da Serra, AH SP; Natal, AH RN); às associações religiosas e aos seus membros (Ex.: Cruz de Malta, AH SC; Abade, AH PA); aos locais de cultos (Ex.: igreja — serra da Igreja, PR; capela — Capelazinha, AH MG) Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a) *hagiotopônimos*: topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romanico (Ex.: São Paulo, AH SP; Santa Tereza, AH GO); b) *mototopônimos*: topônimos relativos às entidades mitológicas (Ex.: saci — ribeirão do Saci, ES; curupira — lado do Curupira, AM; ilha Jurupari, PA; Anhangá, AHBA; Minerva, AH AP)

IX — *Númerotopônimos*: topônimos relativos aos adjetivos numerais (Ex.: Duas Barras, AH BA; Duas Pontes, AH RO; Três Coroas, AH RS)

X — *Sociotopônimos*: topônimos relativos aos aglomerados humanos (instituições resultantes das relações entre os membros de uma comunidade) (Ex.: casa — Casa Branca, AHSP; aldeia — Aldeia dos Índios, AH PA; engenho — córrego Engenho Novo, MG); aos movimentos de cunho histórico-social (Ex.: Bandeiras, AH MG; Independência, AH CE/MA; Inconfidência, AH RJ; Bandeirantes, AHMG; Inconfidentes, AH MG); às atividades profissionais (Ex.: sapateiro — serra do Sapateiro, SP; pescador — Pescador, AH MG; tropeiro — serra dos Tropeiros, MG).

XI — *Somatopônimos*: topônimos em relação metafórica com partes do corpo humano ou de animal (Ex.: cotovelo — Cotovelo, AH MG; pé — Pé de Boi, AH SE; Pé de Galinha, AH BA; mão — rio da Mão Esquerda, AL; lagoa da Mão Quebrada, PI; dedo — igarapé (do) Dedo, RR; córrego (do) Dedo Cortado, GO; Dedo Grosso, AH SC)

O estudo da distribuição qualitativa dos topônimos, com vistas à sua motivação externa, apesar da extensa enumeração, longe está, ainda, de um suporte definitivo. Esta matéria consubstancia somente a primeira tentativa de sistematizá-los. Muitos elementos, talvez, não tenham sido sequer explorados; outros, aqui incluídos, podem não resistir a uma crítica mais profunda dos toponimistas e necessitam de considerações diferentes, sob perspectivas especiais.

A metodologia seguida neste campo da toponímia, todavia, está sendo adotada, com resultados até certo ponto satisfatórios, nos cur-

sos de graduação de Toponímia Geral e do Brasil (área de Línguas Indígenas do Brasil), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sua aplicação prática respeita aos levantamentos dos acidentes geográficos dos municípios paulistas, visando à elaboração, já iniciada, do “Atlas Toponímico do Estado de São Paulo”

O projeto de trabalho, porém, é mais amplo, uma vez que é intenção da equipe de professores da área mencionada aplicar as mesmas técnicas metodológicas relativamente aos topônimos de todo o Brasil, a fim de se obter, à semelhança de outros países, uma visão científica das condições peculiares da geonomástica brasileira. Os obstáculos a serem vencidos são consideráveis, desde que se torna necessário um exame cuidadoso das diferentes camadas lingüísticas, sensíveis no país, cuja marca na toponímia é relevante, principalmente as de natureza indígena, na complexidade dos diversos grupos de idiomas (Tupi, Gê, Caraíba, Aruaque, Bororo, Caingangue, etc.).